

FONTE : 9 Esp

CLASS. : 10

DATA : 25 01 89

PG. : 14

Meio Ambiente

Índios e Bird discutem barragens

BRASÍLIA — O índio Paulinho Paiaçã, um dos caciques da tribo caiapó, que foi recentemente à sede do Banco Mundial (Bird) em Washington denunciar o desrespeito do governo brasileiro aos índios e à natureza, e Megaron, cacique dos txucarramãe, promoverão a partir do dia 24, em Altamira, Pará, um encontro para discutir os efeitos nocivos da construção da hidrelétrica de Cararaó, ou hidrelétrica do Xingu, para as comunidades indígenas locais. Participarão da reunião técnicos do Bird, do recém-criado Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis — que substituiu a Secretaria Especial do Meio Ambiente, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — da Funai e da Eletronorte.

Mesmo pressionada por reações de empréstimos do

Bird para o setor energético brasileiro e abalada pela herança da dizimação de 90% da população dos uaimiri-atroari somente com a construção da hidrelétrica de Balbina, no Amazonas, a Eletronorte não está preocupada com o destino desta reunião. "Vamos apenas trocar informações", disse ontem, otimista, o diretor de Planejamento e Engenharia da empresa, José Antônio Muniz Lopes. Megaron é mais incisivo: "Primeiro vamos esclarecer os índios sobre o que vai acontecer com a construção da usina. Depois vamos lutar para impedir o desastre", ressaltou.

Lopes defende a usina de Cararaó, que se fosse construída isoladamente teria somente 2.500 megawatts de potência. No entanto, Cararaó permitirá a ligação entre os sistemas energéticos do Norte-Nordeste ao Sul-Sudeste, ao interligar todo o sistema energético bra-

sileiro, o que permitirá a geração de 11 mil megawatts de energia. Muniz Lopes não esconde, porém, que esta usina, que alagará área de 1.200 quilômetros quadrados, vai afetar comunidades indígenas.

Segundo o diretor da Eletronorte, existem na região 42 grupos familiares — um total de 286 índios das tribos Juruna, Xipaia, Curuaia, Arara e Caiapó. Além disso, as linhas de transmissão que vão ligar a hidrelétrica ao sistema nordestino terão de passar, necessariamente pelas reservas Mãe Maria, dos Gaviões, e Krikati, dos Guajajara, que somam atualmente cerca de 500 índios.

A hidrelétrica de Cararaó aproveitará uma queda d'água de 94 metros de altura do rio Xingu, em área localizada entre os municípios paraenses de Altamira e Belo Monte, a 420 quilômetros de Belém, em linha reta.